



Editorial

A presente edição de *Pistis & Praxis* é dedicada ao novo momento vivido pela Igreja Católica, mas com repercussão para além de suas fronteiras, desencadeado pela eleição do Papa Francisco — um papa da periferia, buscado, segundo ele mesmo, “no fim do mundo”. A renúncia de Bento XVI, em certa medida, poderia ser lida como o esgotamento de um projeto de Igreja, desenhado em torno da denominada “nova evangelização” pelo Papa João Paulo II. A categoria “nova evangelização”, plasmada por *Medellín* e reiterada por Paulo VI em *Evangelii nuntiandi* para expressar a necessidade de um novo modo de agir para implementar a renovação do Concílio Vaticano II, foi usada para levar a cabo um projeto com características de neocristandade. A meta parecia ser, por meio de uma missão centrípeta, sair para fora da Igreja a fim de trazer para dentro dela os católicos afastados. Como destinatários se tinha, sobretudo, os católicos emancipados da Igreja da sociedade europeia secularizada. Para isso, por diversas razões, se havia minimizado a profunda renovação operada pelo Concílio Vaticano II e tomado distância de um diálogo franco e aberto com o mundo, mergulhado agora num processo de profundas mudanças, particularmente em torno da irrupção da modernidade tardia. A emergência de novos valores, verdadeiros “sinais dos tempos”, entretanto, desafiava a Igreja a romper com o “inverno eclesial” ou a “noite escura” que se haviam instaurado, sob o comando de segmentos da hierarquia, visivelmente atrelados a um passado sem retorno.

Foi neste contexto, que após a renúncia de Bento XVI, quando todos esperavam mais do mesmo, de modo surpreendente, foi eleito o Papa

Francisco, um novo papa para um pontificado novo. Era preciso respirar novos ares (*buenos aires*), olhar o mundo sob outro prisma (desde a periferia) e romper com o eurocentrismo (incluindo o fim do mundo), enfim, urgia um “novo” Pentecostes. Era chegada a hora das “novas Igrejas” do hemisfério Sul, Igrejas com novo rosto, plasmado na “recepção criativa” do Concílio Vaticano II, o rosto dos pobres e excluídos do terceiro mundo, com suas angústias e esperanças, mas sobretudo, portadoras da “doce alegria de evangelizar”. E de fato, o que se viu com a eleição do Papa Francisco, desde a primeira hora, foi o sopro dos “ventos do Sul na nova conjuntura eclesial”. “Vento impetuoso” em gestos fortes e desconcertantes, em palavras que são navalha, em iniciativas arrojadas como a de uma reforma em sua própria casa, a Cúria romana. Três grandes documentos estão dando o tom e o rumo deste pontificado: *Evangelii gaudium*, *Laudato si’ e Amoris laetitia*. Todos os três jubilosamente recebidos, tanto dentro como fora da Igreja, menos pelos segmentos tradicionalistas dentro dela. Há contestação aberta e ousada, inclusive de quatro cardeais, contrapondo-se a um magistério, que nada mais faz do que acertar o passo da Igreja com a renovação do Concílio Vaticano II, com matizes do modo como foi recebido pelas Igrejas do hemisfério Sul.

O Papa Francisco é fruto do caminhar da Igreja no terceiro mundo, particularmente na América Latina, que com *Medellín*, deixou de ser uma “Igreja reflexo” da Europa e ter um rosto e uma palavra própria. Seu rosto próprio vem da busca de uma Igreja toda ela ministerial, da superação do binômio clero-leigos, de uma Igreja organizada em comunidades eclesiais de base, do testemunho dos mártires das causas sociais ou da inserção profética dos cristãos no seio de uma sociedade excludente como cidadãos. Sua palavra própria se alicerça na leitura popular da Bíblia e no saber popular que é também dotado de um *logos* crítico, que encontram na teologia da libertação a sistematização da inteligência da fé. Papel importante neste percurso tiveram as Conferências Gerais dos Bispos da América Latina de *Medellín* (1968), *Puebla* (1979), Santo Domingo (1992) e *Aparecida* (2007). Aliás, certamente não haveria Papa Francisco sem *Aparecida*, seja por ter muito contribuído com seu êxito, seja por ter assumido suas conclusões, que significam o resgate da renovação do Vaticano II, na perspectiva de *Medellín*. No pontificado de Francisco “sopram ventos

do Sul”, que trazem novo alento para a Igreja como um todo, sobretudo no velho mundo, mas também resistências.

Os artigos do dossiê desta edição de *Pistis & Praxis* buscam, precisamente, identificar a contribuição das Igrejas do hemisfério Sul, particularmente da Igreja na América Latina, ao pontificado do Papa Francisco. Abrindo o dossiê, o teólogo argentino Carlos Maria Galli frisa que a Igreja na América Latina e no Caribe, com uma caminhada já de cinco séculos, vive hoje um momento muito especial. Ele não começa com a eleição do Papa Francisco, mas com o processo de implementação do Vaticano II durante meio século e, ultimamente, com a Conferência de Aparecida. O artigo enuncia de forma sintética um conjunto de processos em curso no continente, dos quais o Papa Francisco é um ícone da hora da Igreja na América Latina, em tom argentino. Na sequência, o autor sintetiza os processos em três núcleos: nove em torno da Igreja na América Latina, sete em relação à Igreja como um todo e nove relativos ao Papa Francisco.

O segundo artigo é do teólogo da PUC de São Paulo, João Décio Passos, que se propõe verificar a hipótese da presença das Igrejas do Sul na conjuntura eclesial universal, gradativamente desenhada pelo Papa Francisco desde a sua eleição. Afirma que, no âmbito e na sequência de uma hegemonia histórica e institucional das Igrejas do Norte, as periferias foram marcando presença na inteligência central da Igreja, sobretudo a partir das possibilidades lançadas pelo Concílio Vaticano II. A eclesiolgia conciliar, com os princípios da comunhão e da colegialidade, abriu efetivamente a possibilidade de uma circularidade entre centro e periferia da Igreja, sendo o período de sua recepção precisamente um jogo tenso dessa relação. O Papa Francisco é o filho dessa época e o sujeito que sintetiza em suas posturas e ministério a relação entre a unidade/centralidade e a diversidade/localidade eclesiais.

Na sequência, em seu artigo, o teólogo argentino Juan Carlos Scannone mostra que depois da eleição do Papa Francisco, no hemisfério Norte se está sentindo que o Espírito Santo sopra forte do Sul. Segundo ele, não se trata simplesmente de outro estilo, gestos e linguagem, mas também de outras fontes teológicas, até agora pouco conhecidas, como a “teologia do povo”, tecida na Argentina, sobretudo por Lucio Gera e Rafael Bello. Por outro lado, não ignora a influência de *Medellín* e *Aparecida* no

pontificado de Francisco. No artigo, o autor primeiramente aborda a denominada “teología del pueblo”, situando-a no seio da teologia da libertação latino-americana, para na sequência pôr em relevo os pontos de convergência entre o enfoque teológico-pastoral do Papa Francisco e algumas características da “teología del pueblo”.

O quarto artigo do dossiê é do teólogo mexicano José de Jesús Legorreta Zepeda. Segundo o autor, no contexto de crise eclesial fruto da incongruência entre uma eclesiologia de comunhão e estruturas eclesiais pré-conciliares, a eclesiologia do Papa Francisco mostra não somente o resgate da eclesiologia conciliar, como também forja uma reforma eclesial profunda, na qual, as contribuições da eclesiologia latino-americana da libertação são incorporadas como patrimônio irrenunciável da grande tradição da Igreja. Entre elas, apresenta o método “ver-julgar-agir”, a opção pelos pobres, a prioridade da ortopraxis em relação à ortodoxia, a relevância das mediações sociais da fé e a necessidade de uma Igreja pobre e para os pobres.

Na sequência, o teólogo da Universidade Católica de Pernambuco Francisco de Aquino Junior mostra que no centro das preocupações e orientações pastorais do novo bispo de Roma estão o cuidado e o compromisso com os pobres, expressos nos termos de “uma Igreja pobre para os pobres”. Segundo o autor, essa é uma marca fundamental da Igreja de Jesus Cristo que, embora nunca tenha se perdido completamente da Tradição da Igreja, foi retomada com muita força e criatividade pelo Concílio Vaticano II, com João XXIII e o grupo Igreja dos pobres, e, sobretudo, pela Igreja latino-americana, com as conferências episcopais de Medellín e Puebla e com a teologia da libertação. Partindo da reflexão desenvolvida no Concílio Vaticano II e na Igreja da América Latina, o artigo apresenta o modo como Francisco compreende e propõe a opção pelos pobres para toda Igreja e identificar as convergências e diferenças entre Francisco e a teologia da libertação acerca do projeto de “uma Igreja pobre para os pobres”.

O sexto artigo do dossiê é do missiólogo alemão radicado no Brasil Paulo Suess, para quem o magistério do Papa Francisco parece descortinar horizontes conciliares de saída de um inverno eclesial a serviço do mundo de hoje, depois de longos anos de um magistério tímido no

aproveitamento das aberturas propostas pelo Vaticano II. Para o autor, o paradigma da “Igreja em saída” inspira, não sem contradições, a possibilidade de um novo agir pastoral do encontro e da proximidade entre Povo de Deus e Igreja hierarquicamente estruturada. A “Igreja em saída” está substituindo o paradigma da “Nova Evangelização”, que se remete à XIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos de 2012. A Exortação *Evangelii gaudium*, que deveria ser a síntese das “Proposições” daquele sínodo, foi muito além. No entanto, frisa o autor, sua implementação encontra obstáculos previsíveis.

Na sequência, o teólogo-pastoralista da PUC do Paraná Agenor Brighenti faz um paralelo entre o “texto original” do Documento de Aparecida, que teve à frente da Comissão de Redação o então Cardeal Bergoglio e sofreu ao redor de 250 mudanças antes de ser publicado como “texto oficial”, e o magistério do Papa Francisco, especialmente a *Evangelii gaudium*. Para o autor, é curioso constatar que o Papa Francisco, desde a primeira-hora de seu pontificado, em seus pronunciamentos e documentos, tem resgatado praticamente tudo aquilo que os censores do “texto original” de Aparecida tinham suprimido. É o “Papa do fim do mundo”, fazendo soprar desde a periferia os “ventos do Sul” no coração da Igreja como um todo. Trata-se da afirmação da tradição eclesial libertadora da Igreja na América Latina, antes sob suspeição e, agora, reconhecida e enriquecendo a Igreja inteira.

O oitavo artigo do dossiê é do teólogo da PUC do Paraná Marcial Maçaneiro, destacando as vozes do hemisfério Sul presentes na encíclica *Laudato si'*. O autor não só indica quais e quantas dessas fontes estão inseridas no texto da encíclica, mas como estas mesmas fontes constituem a argumentação do Papa nos principais temas, em cada Capítulo. A análise parte das fontes explícitas do Sul citadas por Papa Francisco no texto, para chegar às fontes implícitas, incluídas na argumentação, mas não referidas. As fontes são verificadas pelo exame de autores e documentos eclesiais do Sul sobre os principais tópicos da encíclica, evidenciando o quanto Papa Francisco pode ser considerado a mais forte voz do Sul, na encíclica.

Assina o nono artigo, o teólogo Alex Villas Boas, da PUC do Paraná, sobre Francisco e a teologia da cultura, na esteira da mencionada “teología del Pueblo”. A proposta deste estudo é identificar as possíveis influências

da Teologia da Cultura argentina na cosmovisão e na práxis do atual bispo de Roma, desde suas raízes latino-americanas. A partir da compreensão de cultura na constituição pastoral *Gaudium et spes*, o autor demonstra o quanto as opções de Papa Francisco denotam suas fontes culturais, teológicas e pastorais, com destaque para o pensamento de Gera, Tello e Sacannone. Em Francisco desponta uma Teologia da Cultura de referências ético-sociais que tem como *locus* teológico os últimos da sociedade, a quem a Igreja deve “primeirar” em suas ações evangelizadoras.

Finalmente, fechando o dossiê, vem o artigo das doutoras Cirlene Cristina de Sousa da Universidade Federal de Minas Gerais (Observatório da Juventude) e Denise Figueiredo Barros do Prado da Universidade Federal de Ouro Preto. Elas discutem como as cartas do Papa Francisco para o Dia Mundial das Comunicações Sociais problematizam as relações entre Igreja e cultura midiática. Para sustentar esta abordagem, as autoras adotam a compreensão de que as cartas papais são um gesto comunicativo, que articula um discurso sobre o contexto contemporâneo de midiatização da sociedade, capaz de revelar o lugar de enunciador do Papa, ao mesmo tempo em que se revela o seu par na interlocução, concretamente, as proposições da Conferência de Aparecida.

Fechando esta edição de *Pistis & Praxis*, na sequência dos dez artigos do dossiê, há outras três importantes contribuições. Paulo Sérgio Carrara, da FAJE e ISTA, em Belo Horizonte, MG, trata do *Enfraquecimento da ideia de Deus e de Homem na Pós-Modernidade*. Situando-se na passagem da modernidade para a pós-modernidade, o autor pondera sobre o enfraquecimento da ideia de Deus na cultura recente, e suas consequências para a compreensão de Humanidade. Tanto a filosofia, quanto o pensamento cristão, veem-se ante o desafio de repensar Deus e o Homem na pós-modernidade.

A próxima contribuição é assinada por Dom Leomar Brustolin, com Eleandro Teles, teólogos da PUC do Rio Grande do Sul, sobre *Justiça integral e esperança cristã na escatologia de Joseph Ratzinger*. Os autores situam a produção teológica de J. Ratzinger no cenário moderno, para ali pontuar em que sentido a esperança na justiça escatológica pode ou deve ter implicações para a práxis cristã. Para tanto, os autores fazem uma aproximação teológica entre o pensamento de J. Ratzinger e algumas reflexões de

cunho jurídico, buscando a perspectivas históricas e escatológicas de uma justiça integral, criativa e restauradora.

Enfim, este número da revista se conclui com a reflexão de Maria Freire, teóloga da PUC de São Paulo, sobre alguns *Aspectos do pensamento de Papa Francisco em dinâmica pericorético-trinitária*. A autora examina o fundamento trinitário do pensamento do Papa Francisco, que se evidencia em tópicos específicos de seus documentos, mais precisamente *Evangelii gaudium* e *Laudato si'*. A dinâmica pericorética de Deus Trino se opera, nesses documentos, como base teológica da compreensão que o Papa demonstra a respeito das relações interpessoais, seja no âmbito eclesial, seja no âmbito da Casa comum (ecologia integral).

Prof. Dr. Agenor Brighenti
Prof. Dr. Marcial Maçaneiro

